

Editorial

Pensando diferentemente a educação

No dia 15 de outubro comemoraríamos 80 anos do nascimento de Michel Foucault. Apesar de não ser um pensador da educação, nosso aniversariante legou para os discursos educacionais uma intensa herança. Suas idéias, suas categorias, seu ímpeto de pensar trouxeram aos estudos sobre os processos de educar, e mais especificamente, para a filosofia da educação um conjunto de contribuições muito interessantes, por problematizar de uma maneira muito particular as maneiras como nos tornamos aquilo que somos.

A proposta foucaultiana de *pensar diferentemente* nos surge como uma proposta inusitada. Jorge Larrosa nos lembra que Foucault nos convida a pensar o que normalmente não se pensa: as evidências. Apesar de sua ausência, podemos dizer que esses oitenta anos são de pura presença, de um fluxo contínuo que nos motiva o pensar. Foucault nos acompanha, nos anima, nos inquieta e nos move em torno de questões que são nossas, questões de nosso presente. A presença de Foucault surge como uma incitação a pensar diferentemente as questões que são nossas e que muitas vezes deixamos de pensar por sua familiaridade e proximidade. Foucault aparece como um provocador, como uma máquina de experimentar questões, de fazer ver novamente aquilo que nossos olhos já estão cansados de olhar e que por isso nos fazem deixar presentes aspectos mudos em nossos pensamentos. Aqui temos um professor Foucault, que nos ensina não dizendo o que temos de fazer, mas mostrando possibilidades.

A partir de uma bonita e interessante interface entre filosofia e educação, este número da RESAFE se dedica a pensar as relações entre o pensamento de Foucault e a educação.

O artigo de Denise Braga e Gislene Barros problematiza a figura docente em função dos valores que se atribui ao/à professor/a, analisando discursos da revista Nova Escola. O artigo de Hélio Rabelo e Thiago Naldinho articula as ideias de Foucault às de Deleuze e Guattari em relação à proposta de amizade possível entre estudante e docente. O texto de Marluce Silva e Cássio Serafim discute os processos de subjetivação docente a partir da problematização da experiência de uma professora negra em suas inserções em diversas relações de poder. Já o artigo de Letticiæ Bittencourt discute possibilidades de reflexão da educação como vetor normalizador ou libertador nos ditames biopolíticos

nos quais se insere a escola. O texto de Marcos von Zuben e Marcelo Guimarães discute, a partir da interlocução entre Jorge Larrosa e Michel Foucault, a proposta formadora da educação.

Como relato de experiência, a discussão proposta por Valeska Zanello, embora não tendo como referencial explícito as categorias foucaultianas, aborda uma proposta de ensino de filosofia da linguagem que faz entrecruzar um gênero de produção e a políticas de produção do gênero. Também não explicitamente conectados com o Dossiê Foucault, encontramos temos o texto de Bernardina Leal, que pensando sobre a “Oficina”, nos convida a repensar a prática pedagógica da investigação filosófica com crianças através da perspectiva da experiência do pensamento. O texto de Wanderson Flor do Nascimento, problematiza as relações entre diálogo e autonomia na escola, revisitando estes dois conceitos. O texto de Pedro Gontijo nos convida a pensar com o *Professor Deleuze*, do Abecedário, sobre as práticas docentes, na desconfiança de lugares-comuns, na busca de uma docência nômade. O texto de Álvaro Ribeiro nos convida a pensar o trabalho pedagógico com a transdisciplinaridade através do instrumental multirreferencial e da criação de espaços problematizadores, críticos, investigativos, dialógicos.

Esperamos que estes diálogos em ambientes de pensamentos foucaultianos e em suas proximidades proporcionem maneiras de pensar diferentemente a educação e nossas relações com ela.

wanderson flor do nascimento
editor